

Sob a Ditadura do Tempo: a cultura da imprensa¹

Emmerson AGUILAR²

Universidade Federal do Rio Grande do Norte – UFRN

Resumo

Observam-se, desde os tempos antigos, as tentativas da humanidade para encurtar as distâncias e, conseqüentemente, diminuir o tempo. Estas tentativas são representadas por tecnologias massivamente incorporadas à rotina das sociedades, como o telégrafo e as ferrovias no Século XIX e o surgimento e expansão da internet, nos últimos anos do Século XX. O ambiente proporcionado por este mundo de distâncias que encurtam e informações que cruzam o planeta em fração de segundos institui uma nova percepção dos conceitos de tempo e também de espaço, levando a uma homogeneização de hábitos e respostas reforçados pelos símbolos massivamente divulgados por estes dispositivos, consolidando assim, não um evento esporádico e exclusivamente contemporâneo, mas uma cultura que iniciou na primeira conquista do homem sobre a barreira do tempo e do espaço.

Palavras-chave: tecnologias; percepção do tempo; imprensa; teorias da Comunicação Social.

1 Introdução

O ambiente poderia ser traduzido como um dia quente de verão ou até mesmo da primavera. As margaridas, cobrindo a grama, desafiavam os mais dispostos a colhê-las. Para aqueles que não possuíssem muita disposição, um passatempo poderia ser construir colares com estas flores – menos dispêndio de energia. A leitura de um livro surge como uma atividade bem integrada àquela paisagem do campo. Até este momento, não há nada de fantástico nestas afirmações. O mesmo não poderá ser dito sobre o que acontecerá a seguir.

“*Oh dear! Oh dear! I shall be late!*”³ (CARROLL, 2015, p.7): diz o Coelho Branco⁴ que surge correndo, em um completo contraste com aquele cenário. Não bastasse este momento de desconstrução, a sequência *non sense* prossegue, quando o personagem tira do bolso do seu colete um relógio. A observação das horas o faz apressar-se ainda mais.

¹ Trabalho apresentado no GP Teorias da Comunicação do XVI Encontro dos Grupos de Pesquisa em Comunicação, evento componente do XXXIX Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação.

² Mestrando do Curso de Pós-graduação em Estudos da Mídia na Universidade Federal do Rio Grande do Norte – UFRN, e-mail: emmersonaguilar@hotmail.com.

³ Meu Deus! Meu Deus! Eu devo estar atrasado! (TRADUÇÃO NOSSA).

⁴ O Coelho Branco é um dos personagens do livro citado na referência.

Amplamente conhecidas, essas imagens pertencem ao clássico “Alice no País das Maravilhas”, de Lewis Carroll (2015). Os comentários a respeito da obra são fartos e acessíveis em várias plataformas. Porém, o que desperta a nossa atenção é representado por um número, mais precisamente, pelo ano em que esse livro foi publicado pela primeira vez: 1865. Afinal, qual aspecto da realidade social, econômica ou política motivaram o autor a inserir um personagem portando um relógio e correndo tão apressado?

Em Nova Iorque, no ano de 1923, ao contrário da fantasia e do estilo *nonsense* de Lewis Carroll, o tempo segue a lógica de um movimento regular. Mas, a despeito da mudança uniforme na posição dos ponteiros, uma característica da ficção de Alice⁵ se configura no mundo real: o ritmo acelerado e contínuo das atividades:

As pessoas estão sempre com pressa. A pessoa comum, a quem vale a pena cultivar, tem muito o que ler. Passa por cima de três quartos do material de leitura que paga para obter. Não irá ler a sua conversa comercial a menos que você faça com que valha a pena ler (HOPKINS, 1966, p.45, grifo nosso).

O mundo das pessoas sempre apressadas de Claude Hopkins (1966) não possuía a televisão, a internet ou, muito menos, os serviços de telefonia móvel e imagens via satélite em tempo real. Ao contrário de Carroll (2015) que testemunhara o período de transição da substituição do carvão como fonte de energia pelas máquinas a vapor, Hopkins (1966) descreve a sociedade em um período após a Primeira Grande Guerra Mundial. Isso nos impulsiona a pensar sobre a realidade dos dias atuais e a questionar sobre a ideia lugar-comum da pressa como uma marca exclusiva da contemporaneidade.

De um sistema de integração e compartilhamento das informações através de homens correndo entre pontos previamente estabelecidos à velocidade das infovias⁶. A história da humanidade é generosa em registros que evidenciam os esforços do homem para vencer as barreiras do tempo e do espaço. Estes esforços, que se traduzem em tecnologias, representaram nossa primeira motivação para o desenvolvimento deste artigo. Assim, no texto que segue, serão apresentadas teorias e reflexões que tratam da velocidade, da pressa, instantaneidade, imediatismo, simultaneidade e aceleração, observando a evolução destes conceitos com a inserção de novos aparatos tecnológicos relacionados à comunicação, principalmente nos séculos XX e XXI.

⁵ Personagem principal do livro citado de Lewis Carroll.

⁶ Infovias são estradas eletrônicas, linhas digitais, por onde trafegam dados, como imagens e textos.

Propõe, ainda, uma abordagem que investiga a ressignificação da categoria tempo em pressa, e, seguindo nesta direção, desenvolve o que denominamos, a partir de agora, como “cultura da pressa”, cujas características são trabalhadas com maiores detalhes no desenvolvimento deste trabalho.

Sabemos que há um longo caminho a ser percorrido nesta relação entre as tecnologias, a percepção do tempo e a Comunicação Social. Porém, nosso maior objetivo nesta trajetória, em detrimento do estabelecimento de respostas definitivas, será ampliar os horizontes e fornecer argumentos que alimentarão novas discussões e reflexões a respeito dos objetos aqui abordados.

2 Tempo, Física e Filosofia

Torna-se importante, neste momento da nossa discussão, estabelecer o que entendemos por tempo, uma vez que esta compreensão nos acompanhará durante todo o desenvolvimento deste artigo.

No âmbito da Física, mais precisamente para a mecânica clássica, que possui uma abordagem newtoniana, o tempo é entendido como algo absoluto. Isto quer dizer que o tempo existe independente da matéria ou do espaço. Visto desta maneira, ele é, também, uniforme, porque em qualquer situação, ele não apresentará alterações no seu valor. Analisado sob esta perspectiva, o tempo é conhecido por “duração”. De acordo com Newton, "o tempo absoluto, verdadeiro e matemático, por si mesmo e por sua própria natureza flui igualmente sem relação com nada de externo, e com outro nome, é chamado de duração"⁷.

Na Física contemporânea, e apenas a título de demonstração da abrangência e da evolução do conceito para a ciência, sabemos que a velocidade de um movimento, e também a massa dos objetos, podem influenciar nesses conceitos absolutos propostos por Newton. Aqui são destacadas as importantes contribuições trazidas pelo físico alemão Albert Einstein, que manteve a ideia do tempo como ordem de sucessão, porém, negou que esta sucessão fosse única e absoluta: de um conceito de tempo absoluto, ele introduz a relatividade, apresentando à comunidade científica uma nova forma de se entender as questões do espaço-tempo.

⁷ Disponível em: < <http://efisica.if.usp.br/mecanica/curioso/tempo/fisica-clssica/>>. Acesso em: 15 nov.2015.

Para este artigo, nosso ponto inicial está no pensamento newtoniano. Porém, precisamos recorrer ainda a um aporte teórico na Filosofia, conforme apresentamos a seguir.

Para Agostinho, o tempo é a própria vida da alma. Usando as palavras do filósofo: “Mas, como diminui ou se consome o futuro, se ainda não existe? Ou como cresce o pretérito, que já não existe, a não ser pelo motivo de três coisas se nos depararem no espírito onde isto se realiza: expectativa, atenção e memória?” (AGOSTINHO, 2000, p.337). Coube a Bergson, filósofo da era moderna, a re-exposição dessa concepção, confrontando o pensamento de Agostinho com o conceito da Física: “o tempo é na consciência a corrente da mudança, não uma sucessão regulada de instantes homogêneos” (ABBAGNANO, 2000, p.69).

Para este trabalho, consideramos a contribuição do pensamento da Física e da Filosofia. Não serão colocados juízos de valor em relação às discordâncias. Adotamos a abordagem conceitual inicial de Newton, afinal, interessa-nos a ideia de tempo representado por intervalos regulares, cíclicos e mensuráveis, ou seja, por um número. Mas, recorreremos também à noção de consciência desenvolvida por Agostinho e Bergson na ampliação do conceito. Isso é devido ao nosso interesse pela percepção – a “representação consciente a partir das sensações” (COELHO, 2008, p.44) resultante do hábito que acompanha a história do homem de observar e reagir aos comandos do tempo.

3 Sob a velocidade dos astros e das ondas eletromagnéticas

Observar as horas. Este é um ato que não chama a atenção de ninguém, até mesmo porque esta é uma imagem comum e incorporada à rotina das sociedades atuais. A tecnologia para a obtenção da informação das horas pode variar de um simples relógio de pulso movido à corda a um moderno equipamento digital com precisão atômica, acompanhado por uma garantia de medição de tempo 100 mil vezes mais precisa que todos os mecanismos convencionais existentes⁸.

Este hábito da observação constante do tempo teve seu início registrado ainda nas formas iniciais do que hoje conhecemos por comunidades. O ritmo nessas comunidades, na ausência dos populares mecanismos de hoje, ficava sob a responsabilidade dos astros e dos

⁸ Segundo Gabriella Porto no texto intitulado “Relógio”. Disponível em: <<http://www.infoescola.com/curiosidades/relogio/>>. Acesso em: 2 jul. 2016.

principais eventos, geralmente marcados por rituais que passavam de geração a geração. Estamos nos referindo ao tempo cíclico, instrumento regulador das práticas sociais instituídas pelos homens primitivos em suas culturas. Thompson nos esclarece que

nas formas primitivas da sociedade, quando a maioria dos indivíduos vivia em dependência da terra de onde tiravam a própria subsistência, a experiência do fluxo do tempo estava estreitamente ligada aos ritmos materiais das estações e ao ciclo do nascimento e da morte (THOMPSON, 2009, p.40).

Após esse registro inicial da prática social de observar o tempo desde os tempos mais antigos, passemos agora a refletir um pouco sobre a influência das tecnologias nesta prática e como esta, gradativamente, imprimiu esta percepção diferenciada do tempo e do espaço. Para isto, precisamos voltar nossa história em, aproximadamente, 200 anos.

Século XIX. Este foi um período de grandes modificações na sociedade. Com o advento do motor a vapor, aperfeiçoado por James Watt no final do século anterior, a vida urbana assumiu características diferenciadas, favorecida pelo aumento do número das pessoas que saíam do campo em direção às cidades. O tempo-trabalho industrial estende seus efeitos sobre a urbe e a experiência de tempo cíclico cede espaço para o tempo das horas de trabalho nas fábricas, para o pequeno tempo de descanso diário e para os dias da semana.

As novidades não param por aqui. Nesse período encontramos um marco na história das telecomunicações que vai de encontro ao pensamento lugar-comum na associação do encurtamento das distâncias e do tempo com as tecnologias contemporâneas: o surgimento do telégrafo. Essa invenção representou, pela primeira vez, o fim da relação diretamente proporcional que existia entre o tempo e o espaço.

O telégrafo possuía uma mecânica de funcionamento diferente das outras formas de comunicação utilizadas na época. As formas conhecidas para as interações humanas exigiam uma aproximação física ou de um suporte físico que, para alcançar o seu destino e estabelecer um processo comunicacional, necessitava ser transportado, para que a mensagem alcançasse o seu destino e cumprisse sua função. Com o telégrafo, o alcance de um ponto distante conheceu uma revolucionária diminuição de tempo. A essa quebra das grandezas, até então proporcionais, a essa disjunção do tempo e do espaço, Thompson nos diz que

o advento da telecomunicação trouxe uma disjunção entre o espaço e o tempo, no sentido de que o distanciamento espacial não mais implicava o distanciamento temporal. Informação e conteúdo simbólico podiam ser transmitidos para distâncias cada vez maiores num tempo cada vez menor [...] (THOMPSON, 2009, p.36).

Virilio (1996) nos conta uma ilustração assertiva sobre esta questão. O ano é o de 1792, ano I da proclamação da República Francesa, e o autor apresenta o inventor Claude Chappe e seu discurso sobre as possibilidades criadas pelo telégrafo óptico na Assembleia Legislativa:

O estabelecimento do telégrafo é a melhor resposta aos publicistas que pensam que a França é grande demais para se constituir numa república. O telégrafo reduz as distâncias e reúne, de certa forma, uma imensa população em um único ponto (*Le moniteur universel*, anos 1794-1975 apud VIRILIO, 1996, p.42).

E o que dizer da percepção sobre o tempo e o espaço proporcionado pelo desenvolvimento das ferrovias? A substituição do carvão pelas máquinas a vapor possibilitou o transporte de carga e de passageiros através de grandes distâncias em um tempo cada vez mais menor. Isso trouxe uma perspectiva diferente sobre as ideias e, conseqüentemente, sobre o mundo.

Os serviços postais nos últimos anos do século XVIII e a construção das ferrovias na Inglaterra produziram efeitos tão profundos na época que conduziram a sociedade a repensar a questão das horas oficiais, uma vez que cada cidade possuía seu sistema padrão específico. Isso dificultava a compreensão dos horários de partidas e chegadas dos trens. A partir dessa situação, surgiu a necessidade da criação de um horário nacional que substituísse o padrão local de cada cidade. Assim, e em resposta a esse problema, foi criado em 1884 o sistema global de padronização do tempo na Conferência Internacional do Meridiano, realizado em Washington D. C..

Com mais força e velocidade, as máquinas foram substituindo os cavalos, proporcionando o aumento do número de vagões e da quantidade de carga transportada pelas composições. A partir dessa época foram ocorrendo diversas melhorias técnicas nos trilhos e nas locomotivas. As ferrovias estabeleceram uma perspectiva diferente sobre a ideia de transporte de cargas mais pesadas e por longas distâncias (SILVA, 2015).

Outro ponto importante que gostaríamos de introduzir neste momento da discussão é a simultaneidade. Até o surgimento dos serviços de telecomunicação, algo simultâneo

significava a exigência de estar fisicamente presente em dois lugares em uma mesma unidade de tempo. Com o avanço dos serviços do telégrafo, esse pensamento simples cede lugar a um processo mais complexo e, conseqüentemente, proporciona uma nova perspectiva nas reflexões sobre o tempo e o espaço, e, indo um pouco mais adiante, nas características dos esquemas comunicacionais:

Com o advento da disjunção entre espaço e tempo trazida pela telecomunicação, a experiência da simultaneidade separou-se de seu condicionamento espacial. Tornou-se possível experimentar eventos simultâneos, apesar de acontecerem em lugares completamente distintos (THOMPSON, 2009, p.37).

O que pode parecer simples, pelos conhecimentos acumulados e o acesso às informações nos dias atuais, esconde uma assimetria complexa (imperceptível, porém naturalmente assimilada para os nascidos a partir da década de 90).

Para o mundo anterior a essas revoluções na área dos transportes e telecomunicações, chegava-se a uma determinada cidade, que denominaremos de ponto A em uma fração X de tempo. Seguindo então o mesmo raciocínio, o ponto A + *metros adiante* seria atingido pela respectiva fração de tempo X + *horas adiante*, uma equação diretamente proporcional. Com o surgimento dessa disjunção espaço temporal, a equação se modifica. Nessa nova perspectiva, temos agora o mesmo ponto A sendo alcançado por um tempo X *reduzido*. E, com a simultaneidade, teremos, a partir de agora, o ponto A e outros pontos como B, C e D sendo alcançados dentro de um mesmo recorte temporal X *reduzido*. Complexo? Imagine, então, para os contemporâneos do século XIX. Paul Virilio, comentando acerca dessa experiência de tempo, diz que

essa revolução que conquista antecipadamente, essa totalidade que perseguimos e que ainda escapa, essa terra prometida, expressões igualmente vazias de sentido a menos de se referir a uma revolução tecnológica que inaugurou paralelamente na história da representação e, portanto na representação da história, uma nova percepção do espaço e do tempo (VIRILIO, 1996, pp.41-42).

A simultaneidade e a disjunção do tempo e do espaço são temas de fundamental importância para a compreensão dos efeitos produzidos na sociedade a partir do século XIX. O desenvolvimento da ciência e o avanço das tecnologias possibilitaram, no século seguinte, uma relação ainda mais diferenciada entre o homem e o tempo, nas formas desses

se relacionarem entre si e, também, com o mundo ao qual pertenciam. Estamos nos referindo ao surgimento e a expansão do uso da eletricidade.

Imagem e eletricidade, de mãos dadas, vão ditar os preceitos do mundo, sua sociabilidade, sua memória e seus projetos, seus ritmos e tempos, seus territórios e espaços, sua capilaridade e sua potência (BAITELLO JUNIOR, 2010, p.73).

O século XIX ainda nos presenteia com um representante que está no contexto dessa discussão: Aby Warburg. Ele viveu entre 1866 e 1929 e realizou uma antecipação deste cenário marcado pela eletricidade e velocidade com quase cem anos de antecedência, quando falou sobre a “aceleração dos fluxos de temporalidade”. Essa experiência ocorreu quando Warburg contemplava os fios elétricos que passavam pelos postes na cidade de San Francisco em 1896. Baitello Junior (2010) relata:

O que Warburg notou não foi outra coisa senão os primórdios da onipresença dos meios elétricos e sua capilaridade. O que vislumbrou aí com seu olhar agudo foi o princípio da eletrificação do planeta, uma epopeia que transformou a vida humana e sua sociabilidade, encurtando distâncias, anulando espaços (às vezes mesmo ignorando e invadindo as demarcações territoriais) e acelerando os fluxos de temporalidade, impondo aos meios de comunicação o ritmo do raio (BAITELLO JUNIOR, 2010, pp.60-61).

Tempo cíclico, relógios, telégrafos, ferrovias, eletricidade. Da necessidade da observação do tempo para o desenvolvimento satisfatório e regular de atividades como a agricultura, a caça ou a pesca, caminhamos para uma observação do tempo que exigia uma modificação no relacionamento e entendimento deste. Norval Baitello Junior, em seu livro “A serpente, a maçã e o holograma: esboços para uma Teoria da Mídia” (2010), aborda e reforça a necessidade proposta por este trabalho de reflexão sobre os novos ambientes gerados pelas tecnologias na comunicação, assim como uma reflexão em relação aos seus impactos na sociedade. O autor afirma que o desenvolvimento da comunicação

[...] não apenas gerou um florescente mercado de trabalho para novas habilidades em comunicação, mas também gerou a necessidade de reflexões prospectivas sobre os novos ambientes gerados pelas novas comunicações. Não apenas reflexões sobre produtos ou sobre linguagens e suas codificações colocam-se numa ordem do dia questionadora e crítica, mas cenários, prospecções de impactos, cálculos de efeitos possíveis, negativos e positivos, é isto que importa a uma Teoria da Mídia tal qual ela se delineou

desde o início dos anos 90 nos países europeus [...] (BAITELLO JUNIOR, 2010, pp.9-10).

É exatamente isto que nos propomos no tópico seguinte, quando apresentamos a nossa tentativa de contribuição em resposta a esta necessidade de reflexão sobre os novos ambientes proporcionados pelas tecnologias da comunicação.

4 A cultura da pressa

A revista *Época*, em 2008, publicou: “a partir do momento em que não faz mais diferença estar em algum lugar para ter, a todo o momento, acesso a serviços, pessoas ou informações, mudamos o jeito de nos relacionar com o espaço” (*Época* n° 528, p.117, 2008). Colocando de uma forma bem simples, a aceleração constitui uma forma diferente de se relacionar com o tempo e com o espaço. Assim, entender o fenômeno da aceleração é alterar o aprendizado que recebíamos em um passado não muito distante de uma equação diretamente proporcional que existia entre o tempo e o espaço; é destituir o perfil concreto e geograficamente delimitável do que compreendíamos por espaço e recriá-lo, dotando-o dos princípios dos conceitos de abstrato, de virtual, de não-espaço e, com o advento da simultaneidade, de múltiplos espaços. David Harvey (2010) nos ajuda a pensar esses fenômenos como uma “compressão do tempo e do espaço”:

Pretendo indicar com essa expressão processos que revolucionam as qualidades objetivas do espaço e do tempo a ponto de nos forçarem a alterar, às vezes radicalmente, o modo como representamos o mundo para nós mesmos. Uso a palavra ‘compressão’ por haver fortes indícios de que a história do capitalismo tem se caracterizado pela aceleração do ritmo de vida, ao mesmo tempo em que venceu as barreiras espaciais em tal grau que por vezes o mundo parece encolher sobre nós (HARVEY, 2010, p.219).

As ruas de um mundo que encolhe apresentam seus usuários em um ritmo apressado de ir e vir, em uma corrida acelerada para o cumprimento de metas e expectativas que se renovam ao ritmo incansável das novidades tecnológicas de um mundo visto como “globalizado”. Ilustra essa afirmação a oferta de planos e de aparelhos com acesso à internet que garantem uma navegação mais rápida e que atinge constantemente os sentidos das pessoas: poder mais, navegar mais, falar mais. E mais rápido: “6GB de internet: você

podendo mais e pagando menos⁹”, ou ainda, “navegue muito mais com 4G da Vivo¹⁰”. Essas chamadas são repetidas por diversas vezes no dia-a-dia das pessoas através de aparelhos de televisão, *smartphones* e *notebooks*. Estar com uma conexão de internet, ouvir e ser ouvido são condições essenciais durante as 24 horas do dia. As notícias chegam rapidamente de qualquer parte do globo, a concorrência tem proporções mundiais e novas ações e respostas são exigidas a cada minuto. Mais. Sempre mais. A solução parece fácil para este mundo veloz e tecnológico, e surge para consumo imediato, através da voz da empresa Claro: “É você quem faz o agora¹¹”.

Esta condição de seres em velocidade, de um mundo que tem urgência em encolher sobre nós e também a pressa, nos inquieta enquanto pesquisadores. Impulsiona-nos a buscar suas origens, a repensar essa associação equivocada como um fenômeno da contemporaneidade.

Stephen Bertman cunhou o termo “Hiperultura” como expressão de uma sociedade dominada por um ritmo acelerado, incansável e insaciável. Em seu livro “Hiperultura: o preço da pressa” (1998), o autor esclarece que

A hiperultura é uma cultura que facilmente se torna maçadora e que rapidamente aturde as pessoas, uma cultura em que o divertimento se transforma e deixa de ser um momento ocasional de distração de pessoas ou de grupos e passa a ser uma forma de vida, que ocupa todos os interstícios entre os períodos de trabalho. Esgotando rapidamente as reservas de energia, uma hiperultura exige constantemente ser abastecida. Recusando-se a adquirir horizontes, por ser uma atividade intensa em termos de tempo, ela anseia antes por ser injetada com doses de estímulo a curto prazo. Por que a hiperultura é uma sociedade constituída de “corpos atarefados”, numa ânsia frenética de acompanharem o passo, não só por razões de necessidade econômica, mas por motivo de preferência psicológica. O tempo – desorganizado, desperdiçado – pesa fortemente sobre a sua cabeça. Ela pode exigir ser libertada de algumas tarefas específicas, mas preenche logo o vazio com mais atividade ainda (BERTMAN, 1998, p.181).

A pressa, segundo Bertman (1998), é algo que nos desprende do passado: torna as tradições incompreensíveis, torna a história irrelevante e, por consequência, as memórias tornam-se difusas. Ela nos impele sempre, e incansavelmente, a um futuro que insiste em não ter uma forma definida, pelas constantes transformações causadas pelas inovações.

⁹ Site da empresa TIM. Disponível em: < <http://www.tim.com.br/al/para-voce>>. Acesso em: 27 jul. 2015.

¹⁰ Site da empresa de telefonia Vivo. Disponível em:<<http://www.vivo.com.br /portalweb/appmanager/ env /web #>>. Acesso em: 27 jul. 2015.

¹¹ Slogan da empresa Claro. Disponível em: < <http://www.claro.com.br/>>. Acesso em: 27 jul. 2015.

Isolando-nos no presente, destituídos da força do tempo passado e do futuro, ela busca ser alimentada, em um ritmo frenético para a ocupação dos sentidos dominados pelo o que autor chama de “força do agora”.

Quando seguimos a uma velocidade perversora, caímos sob a influência de uma nova força, a força do agora. A força do agora é a energia intensa do presente incondicional, um presente descomprometido com qualquer outra dimensão do tempo. Sob o efeito dessa força exaustiva, as prioridades da nossa vida sofrem uma transformação, num ato desesperado de adaptação à velocidade eletrônica. A nossa vida deixa de ser o que era, não propriamente pelo fato de a vida ter mudado, mas pelo fato de ter mudado *o modo como a vemos* (BERTMAN, 1998, p.15, grifo do autor).

Perceber o mundo que está a nossa volta através dos sentidos é estabelecer uma relação com o que o constitui. Percebê-lo significa a capacidade de identificar as leis que regem seus princípios econômicos, sociais e políticos. É representar conscientemente através de palavras e ações o resultado de uma equação, que, especificamente para nós, é constituída de velocidade, de imediatismo, de simultaneidade e de formas cada vez mais inversamente proporcionais de mensurar o tempo e o espaço – é avançar na tentativa de compreender essa nova dimensão de vida que é vivida através de telas e lentes:

[...] a mídia (meios e hipermeios) implica uma nova qualificação de vida, um bios virtual. Sua especificidade, em face das formas de vida tradicionais, consiste na criação de uma eticidade (costume, conduta, cognição, sensorialismo) estetizante e vicária, uma espécie de “terceira” natureza. À maneira do “anjo”, mensageiro de um poder simultâneo, instantâneo e global exercido num espaço etéreo, as tecnologias da comunicação instituem-se como “boca de Deus”: uma sintaxe universal que fetichiza a realidade e reduz a complexidade das antigas diferenças ao unum do mercado (SODRÉ, 2002, p. 11).

As conquistas e os novos cenários possibilitados pela imagem e pelo som impressionam pelo fascínio proporcionado pela velocidade e pela qualidade nos dias atuais. Porém, é motivador pensar em uma pesquisa que estende a presença deste fascínio até as décadas do pensamento linear e vislumbrar que as prioridades da nossa vida sofrem modificações (BERTMAN, 1998) diante da introdução de um novo aparato tecnológico, de um relógio de sol a uma transmissão via satélite em tempo real.

A relação que estabelecemos com o universo a nossa volta é mediada por nossos sentidos, pela forma como estabelecemos limites aos objetos que constituem o nosso dia-a-dia. Porém, a imprecisão dos limites de cada intervalo se evapora no emaranhado de

mensagens que partem de um ponto distante do planeta e atingem simultaneamente lugares separados por milhares de quilômetros. Os drones¹² inauguram uma nova fase para os especialistas em logística. Plataformas reelaboram novas experiências com a imagem e o som em uma fração de segundos. Se dermos como certa a afirmação de que “o mundo é aquilo que nós percebemos”, segundo Merleau-Ponty (1999, p.14), teremos que nos ajustar a esta era que tem por marca a velocidade e a pressa, impregnadas através de mensagens massivamente presentes nos símbolos da rotina do homem, revelando hábitos, comportamentos e respostas que refletem uma cultura profundamente assimilada.

Temos consciência das possibilidades que uma sociedade pode desfrutar quando gerencia adequadamente os dispositivos e tecnologias que pode dispor. Porém, esperamos que a discussão apresentada neste artigo sobre os efeitos da disjunção espaço-tempo e da pressa traga uma reflexão mais ampla e profunda, além de uma abertura às mudanças e inovações que poderão ser imprescindíveis para o progresso e qualidade de vida de toda a humanidade.

Referências

ABBAGNANO, Nicola. **Dicionário de Filosofia**. São Paulo: Martins Fontes, 2003.

AGOSTINHO. **Confissões**. Coleção Os Pensadores. São Paulo: Nova Cultural, 2000.

BAITELLO JUNIOR, Norval. **A serpente, a maçã e o holograma: esboços para uma Teoria da Mídia**. São Paulo: Paulus, 2010.

BERTMAN, Stephen. **Hipercultura: o preço da pressa**. Lisboa: Instituto Piaget, 1998.

CARROLL, Lewis. **Alice's adventures in wonderland**. New York: Barnes & Noble, 2015.

COELHO, Luiz Antonio L. **Conceitos-chave em design**. Rio de Janeiro: Novas Ideias, 2008.

ÉPOCA. **Especial Tecnologia**. São Paulo: Ed. Globo. Edição Especial n° 528. 30 jun. 2008.

HARVEY, David. **Condição Pós-moderna: Uma pesquisa sobre as origens da mudança cultural**. 19.ed. São Paulo: Loyola, 2010.

¹² Qualquer tipo de aeronave que não necessita de um piloto embarcado para ser operada.

HOPKINS, Claude. **A ciência da propaganda**. 3.ed. São Paulo: Cultrix, 1966.

MERLEAU-PONTY, Maurice. **Fenomenologia da percepção**. 2.ed. São Paulo: Martins Fontes, 1999.

SODRÉ, Muniz. **Antropológica do Espelho**: Uma teoria da comunicação linear e em rede. Rio de Janeiro: Vozes, 2008.

SILVA, Júlio César Lázaro da. **Breve história das ferrovias**. Brasil Escola. Disponível em: <<http://www.brasilecola.com/geografia/ferrovias.htm>>. Acesso em: 2 jul.2016.

THOMPSON, John B. **A mídia e a modernidade**: uma teoria social da mídia. 11 ed. Petrópolis: Vozes, 2009.

VIRILIO, Paul. **A arte do motor**. São Paulo: Estação Liberdade, 1996.